

ENTRE A VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE DOS CORPOS NAS SETE PORTAS NOS DESENHOS DE CARYBÉ

Autora: Profa. Ms. Rita Marcia Amparo Macedo (IF Baiano)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Vitor Castro Junior (UEFS)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. ritamparo@yahoo.com.br

Resumo

Entre a visibilidade e invisibilidade dos corpos das sete portas nos desenhos de Carybé, indica relações existentes entre os desenhos de um determinado grupo específico de mulher soteropolitana (a prostituta), seu papel no imaginário cultural, suas relações com a cotidianidade para que se torne possível estabelecer sentido e permita compreender suas implicações como objeto de reflexão desse corpo feminino que é portador de história, de singularidade e de sexualidade. Tendo como objeto compreender os elementos estéticos visuais do corpo da mulher-dama em Carybé analisando as relações existentes entre desenho e suas representações, esse trabalho utiliza como fonte primária de pesquisa o livro de autoria do próprio Carybé “As sete portas da Bahia”. Analisamos aqui importância da representação do corpo, a sua sexualidade e a busca de seus saberes para a construção da imagem e do seu poder de representação à luz da semiótica. Esse trabalho se constitui na perspectiva de fazer leituras do mundo por meio da obra de arte, mais especificamente por meio dos desenhos que são fonte de conhecimento nos permitindo ver, ler e sentir as imagens relacionando-as às pessoas, fatos do cotidiano e suas relações sociais. Por fim, verificou-se que se torna possível compreender as relações existentes entre os desenhos e o contexto histórico-cultural ao qual se apresenta nas imagens permitindo perceber a existência de um jogo de visibilidade/invisibilidade dos corpos das mulheres-damas no contexto em que se apresenta.

Palavras-chave: Mulher dama, corpo, prostituição.

Introdução

Esse trabalho trata de situar o corpo da mulher-dama dentro de um espaço além do ato sexual, com destaque para as tentativas existentes de enquadrá-lo dentro de uma lógica social disciplinar e o poder de transgressão que ele alcança. Procura a compreensão desse jogo simbólico entre o visível e o invisível na percepção dos corpos dessas mulheres em detrimento da função social que realiza. Depois, o corpo é trazido como elemento da identidade, incluindo o estudo desses corpos que, em sua grande maioria, são negros.

Carybé¹, Obá de Xangô, é considerado um verdadeiro gênio artístico e um ser humano cheio de histórias e potencialidades, por meio de seus desenhos indica relações entre os um determinado grupo específico de mulher baiana (a prostituta), seu papel no imaginário cultural e suas relações com a cotidianidade expressa, para que se torne possível estabelecer sentido e entender suas implicações como objeto de reflexão desse corpo feminino, que é portador de história, de singularidade e de sexualidade.

¹ Nome artístico de Hector Julio Páride de Bernabó (1911-1997). Carybé é o nome de um peixe de água doce e acabou se tornando o apelido pelo qual o desenhista é internacionalmente conhecido.

Diante de tal complexidade, o problema se constitui em saber: quais os contextos culturais potencializados nos desenhos de Carybé sobre a mulher-dama na cidade de Salvador, levando em consideração que esse corpo é portador de história, de singularidade e de sexualidade?

Dessa maneira, o objetivo deste estudo é analisar os elementos estéticos visuais do corpo da mulher-dama em Carybé e as relações existentes entre desenho e suas representações. A fonte primária de pesquisa consiste no livro de autoria do próprio Carybé, *As sete portas da Bahia*, no sentido compreender por meio da imagem a possibilidade de uma representação gráfica e estética do corpo, considerando-se a dinâmica cultural da prostituição na cidade de Salvador, bem como relações de sexualidade.

Especificamente, objetivamos: identificar e analisar o corpo da mulher-dama nos contextos culturais, compreendendo as relações entre desenho e prostituição; analisar a obra *As sete portas da Bahia*, no que tange à representação das mulheres-damas.

Muito tem se estudado sobre as obras de Carybé, porém, sobretudo, quanto às seguintes temáticas: capoeira (CASTRO JÚNIOR, 2012), mapeamento das suas obras espalhadas pela cidade de Salvador (MATOS, 2003) e candomblé (CHAVES, 2012). Assim, a relevância da presente pesquisa sobre o corpo da mulher-dama está na percepção de que existe uma lacuna em relação ao estudo científico-acadêmico das imagens dos corpos prostituídos, o que leva ao nosso interesse em tratar deste assunto.

Metodologia

Neste trabalho, é adotado um modelo teórico-metodológico de natureza qualitativa que tem características particulares. O método qualitativo refere-se a uma abordagem sistemática, subjetiva, usada para descrever as experiências de vida (discursos e comportamentos) e dar-lhes significado. Segundo Minayo (1994, p. 21), a pesquisa qualitativa:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Para realizar o estudo, recorreremos à pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Gil (2008, p. 44): “É desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Como material de base, foram utilizados livros e publicações periódicas em jornal de grande circulação.

Torna-se importante investigar de que modo o processo criativo dos desenhos que o artista Carybé possibilita apreender com as imagens podem representar uma reflexão sobre os corpos humanos e a vida cotidiana e como as imagens tratadas nos desenhos ganham vida através da representação, da cultura. Por isso, escolhemos uma metodologia que nos possibilite identificar e analisar os desenhos de Carybé como obras de arte, com seus valores e significados quanto à relação existente entre o contexto e a história que nos é contada através deles.

Com essa vasta possibilidade de nos comunicarmos o papel que a semiótica desempenha um melhor entendimento do mundo e da nossa realidade. Sendo assim, é preciso ressaltar: “Não há a pretensão de tudo perceber, nem de que a semiótica nos dará todas as respostas” (JOLY, 2012, p. 32).

Santaella, em seu livro *O que é semiótica* (1983, p. 84), descreve a atuação fundamental de Charles Sanders Peirce: “Peirce dedicou-se ao estudo dos signos e os compreendeu de maneira triádica (representamen sendo a parte perceptível do signo; objeto sendo aquilo representado ou substituído; interpretante como sendo o significado)”. A Figura 1 demonstra, pela sua estrutura triangular, que existe uma relação dinâmica entre os processos na perspectiva da semiótica. Signo, significante e objeto dependem do contexto e da expectativa do receptor, permitindo que ocorra uma conexão entre ambos:

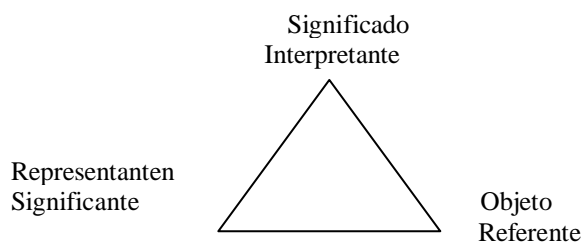


Figura 1
Fonte: JOLY, 2014, p. 33

É por meio do pensamento de Peirce que se organiza nosso trabalho². Com base na definição triádica da leitura da imagem, entendemos que os desenhos de Carybé escolhidos para representar o corpo da mulher-dama podem ser analisados não só pelo aspecto da imagem estática em si, mas também pelo que representam no campo da história e da cultura baiana.

² De acordo com Joly (2012, p. 33): “Essa triangulação também representa bem a dinâmica de qualquer signo como processo semiótico, cuja significação depende do contexto de seu aparecimento, assim como da expectativa do seu receptor”.

Seguindo essa mesma interpretação das relações possíveis de análise de imagem pela semiótica, buscamos uma Bahia desvelada na visão do artista.

Discussão

Corpos visíveis e invisíveis nas sete portas é um esforço para compreender os enunciados de visibilidade e invisibilidade dos corpos nos desenhos. Neste jogo, existe uma relação tênua constituída nos elementos culturais que perpassam a história, o controle do corpo e uma Salvador imaginária, no sentido de estar relacionada aos ideais de terra da felicidade, cujo cenário é também composto pelos corpos das mulheres-damas. Entre o que deve ser visto e o que não deve aparecer, na superfície da sociedade, estão prostitutas que surgem nos dois momentos.

A partir dos desenhos de Carybé é possível construir dois quadros com figuras das mulheres-damas na perspectiva da visibilidade e invisibilidade dos corpos. Seguindo o critério de análise adotado, nesses momentos distintos estão a venda do corpo, a prática do ato sexual e as relações do cotidiano dessas mulheres.

Quadro 1. Corpos Visíveis: nesse momento os corpos são visíveis, desejados e cobiçados pelos clientes, ou seja, expostos como objeto de desejo. O corpo deve ser visto como um atrativo no comércio do sexo, alimentando o sistema em que o cliente paga pelos serviços carnais com a mulher-dama, gerando uma fonte de renda e estabelecendo determinados ritos: aproximação, acerto do valor a ser cobrado, o tipo de serviço que será oferecido como um cardápio – o ato sexual em si e o pagamento ao final.



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Quadro 2. Corpos Invisíveis: o oposto se apresenta na composição do quadro sobre os corpos invisíveis. Estes são apresentados como destituídos de qualquer garantia de condições dignas

de sobrevivência. São mulheres que aparecem em situações precárias de abandono e vulnerabilidade no dia a dia, sendo ignoradas pela sociedade. Essa escória pobre representa o que há de mais desprezível para a estrutura social. São corpos que geram despesas para o Estado, a quem cumpre garantir a essa camada da população cuidados com saúde, educação, alimentação e condições de moradia. Ignorar a ralé é um artifício que marginaliza essas pessoas e gera um abismo em relação às classes sociais.



Figura 4



Figura 5

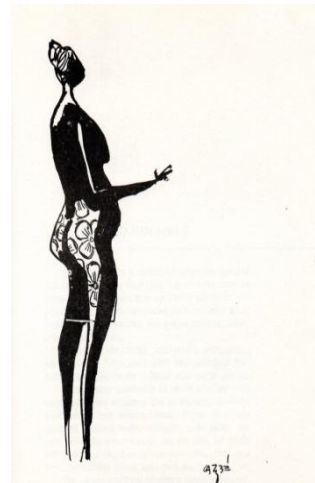


Figura 6

Dessa forma, essa rede a visibilidade está na venda dos serviços sexuais, na presença dessas mulheres nas ruas, expostas em um jogo de sedução e comércio no qual oferecem seus corpos. Em contrapartida, a invisibilidade desse grupo de mulheres se encontra na busca de garantias e direitos sociais e de voz perante uma sociedade estruturada no sentido de que as minorias não apareçam de forma atuante exigindo melhores condições de vida e saúde.

A construção do imaginário da cidade de Salvador evidencia um lugar de muitas belezas naturais, festas e sincretismos religiosos, de maneira que o carnaval seja carro chefe para o turismo, trazendo como atributo uma permissividade em relação às práticas sexuais mais exacerbadas. É transmitida uma idéia de povo sempre feliz e receptivo, convivendo em uma sociedade harmônica e sem preconceitos.

Nesta caminhada em avenidas esburacadas, com poucas sinalizações e quase sempre sinuosas, em se tratando de prostituição, estão as relações do jogo de identificação desses lugares e a presença dessas mulheres demarcando seus territórios entre o contexto histórico-cultural e a prostituição em si, originando campos de visibilidade.

Salvador é uma cidade complexa e dissimulada. Ela não se apresenta e não se revela de uma única maneira. Nesta cidade histórica chancelada pelo mito fundador, emanada pelos inter-cruzamentos dos corpos-culturais (corpos-lusitanos, corpos-negro e corpos-índio) e nessa movimentação histórica dos corpos, se produz um ambiente de conflito e consenso, de aliança e rebeldia, singular e plural da "cultura baiana"³. (CASTRO JÚNIOR, 2010, p. 121).

O vínculo entre os povos ocorre de maneira singular no Brasil e, principalmente, na Bahia. Essa nova cultura nascida organicamente em solo baiano advém das experiências da agregação desses três povos que aqui se inter cruzaram. A cidade também se apresenta com características do visível e do invisível, assim como os corpos que a compõem. Como dito, ela é orgânica e se interpenetra na sua construção de lugar e povo.

A sua invisibilidade está em uma atmosfera mística, meio que mágica, mas que se torna visível principalmente nos corpos alegres, sensíveis, poéticos e nas emoções que são evocadas nos becos, nas ruelas e nos bares pelos corpos dançantes. Às vezes, a invisibilidade da cidade está na impossibilidade do turista de conhecer melhor a cidade, ficando iludido pelas campanhas publicitárias que vendem como "*Bahia, a terra da felicidade*"⁴. (CASTRO JÚNIOR, 2010, p. 102).

Salvador é uma cidade que possui uma mística diferente, e a relação que se estabelece nesse intercruzamento de povos e culturas fez florescer em solo baiano uma complexa rede de fusões, a ponto de conceber um povo com uma cultura ímpar. Porém, esse processo de modelo de civilização não se deu de maneira espontânea e pacífica. Foram travadas muitas lutas de resistência quanto à colonização do branco europeu sobre os nativos indígenas e os povos africanos que vieram trazidos de seu continente na condição de escravizados.

Esses novos habitantes da nova terra Brasil, junto com os povos nativos, possuem um ponto em comum: a batalha pela sobrevivência. Corpos negros e índios se encontravam uma nova situação enquanto sujeitos que habitam esse novo mundo. Este choque das entre-culturas se realçava na recusa de um único e monolítico modo de produção e de vida cultural, na conspiração para recolocar a sua cultura e em seus desejos de manifestar suas crenças.

Dessa maneira, em Salvador, torna-se necessária a composição dos múltiplos saberes, de alianças entre a cultura dominante do europeu e dos povos subjugados e escravizados. É por essa necessidade de se misturarem que se dá uma nova dinâmica cultural nesse espaço de criação que é a

³ "O termo 'cultura baiana' é, portanto, um complexo cultural datável. Complexo que é a configuração plena de um processo que vem se descobrindo desde o século XIX, quando a Bahia, do ponto de vista dos sucessos e das vicissitudes da economia nacional, ingressou num período de declínio. Pois em meio ao mormaço econômico e ao crescente desprestígio político que práticas culturais se articularam no sentido da individuação da Bahia no conjunto brasileiro de 'civilização'." (RISÉRIO, 1993, p. 158).

⁴ Campanha publicitária utilizada pelo governo do estado para retratar o Estado da Bahia.

cidade. Esta, por sua localização, sendo banhada pelo Oceano Atlântico, cumpre um papel fundamental para o sistema de circulação de pessoas e de mercadorias. O transporte de matéria-prima é facilitado e, com isso, a diversidade de gentes que por aqueles portos atracam.

“A cidade cultura/natureza é *visível e invisível*⁵ ao mesmo tempo. A paisagem da cidade se reflete no olhar, no imaginário que cada um tem da cidade, no cheiro da comida de sua culinária e no ar que respiramos” (CASTRO JUNIOR, 2010, p. 117). No entanto, não se trata somente de um jogo entre o visível e o invisível, mas também das inter-relações dos povos, que produziram uma nova matriz cultural em que os colonizadores buscavam criar uma sociedade de classes por meio da exploração da mão de obra. Já os colonizados nativos ou estrangeiros possuíam uma visão diferente dos colonizadores, inclusive no aspecto da religiosidade e espiritualidade, emergindo assim uma multiplicidade de saberes e crenças que deu origem a uma cultura diferente da imposta como dominante.

Controle sobre o corpo

Nenhum homem tem vocação para escravo, servo ou operário explorado. Todos nascemos para a liberdade, para a criação da nossa história. (SILVA, 2009, p. 2017).

Carybé nos desvela o corpo das mulheres-damas. Permite-nos enxergar como em seus desenhos são tratados os corpos que em sua maioria são afrodescendentes, visto que a Bahia recebeu durante o período escravocrata um número bastante significativo de povos vindos do continente africano. A compreensão estética desses corpos nos conduz para as relações existentes entre desigualdade social e cor da pele, o tratamento dos corpos das mulheres-damas e a possibilidade de perceber questões relacionadas à discriminação e ao papel que elas ocupam na sociedade: “Nada mais acertado: na entrada do século 21, os afrodescendentes, seja no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos ou na Europa, continuam econômica, política e simbolicamente desiguais frente aos ‘claros’” (SODRÉ, 1999, p. 9).

A construção da imagem da mulher-dama e o poder de representação que o desenho nos traz é, de fato, um potencializador da visibilidade de pessoas que vivem na marginalidade e na exclusão. Do ponto de vista da sociedade, essas mulheres são invisíveis em seus direitos, mas a arte de Carybé as evidencia.

⁵ “Sabe-se que visibilidade–invisibilidade é um biônimo inseparável na dinâmica do conhecimento em sua ontologia e na natureza sempre limitada das percepções humanas. Por mais precisos que sejam os instrumentos, por mais que sejam avançadas as teorias, a um legado de saber é sempre acrescentável um legado maior de não saber. Nisso também reside a sempre limitada competência humana de pensar, perguntar, escutar, criar e compreender e uma humilde que não se confunde com a subserviência, mas é mediadora dessa interminável que é o desejo de saber.” (RANGEL, 2005, p. 50).

Nessa proximidade com a realidade, a obra nos conduz a uma Salvador múltipla de crenças, de cores, sabores, gestos, heranças, tornando-se um efervescente e ímpar lugar para se viver e criar. Como Carybé dizia: “Há um Deus nesse lugar” (FURRER, 1989, p. 150).

Não é sem razão que Mirabeau Sampaio diz: “Nasci e me criei aqui em Salvador” – ele é da mesma idade de Carybé, nascido no mesmo ano – “e posso lhe afirmar: na Bahia, não existia um negro, era uma coisa que ninguém tinha visto aqui, até a chegada de Carybé”. (FURRER, 1989, p. 149).

Na perspectiva da construção de uma breve história do corpo negro das mulheres-damas que Carybé torna visível, é necessário analisar as transformações que esse corpo sofre em função das relações entre sociedade, economia e cultura. É importante considerar que estamos tratando de relações históricas e que o corpo da mulher negra está diretamente ligado às mais profundas subjugações que o processo de escravidão provocou.

O processo de abolição da escravidão foi um processo gradual, cujo fim data do ano de 1888. Significa que durante mais de três séculos houve trabalho servil e exploração profunda de um povo sobre outro. No campo da historiografia, surgem algumas ênfases e tendências para abordar as teorias relacionadas à escravidão, entre elas a da “coisificação do escravo”⁶.

A teoria da chamada “coisificação do escravo”, bastante difundida na produção historiográfica, passou a defender a idéia de que as condições extremamente duras da vida na escravidão teriam destituído os escravos da possibilidade de pensar o mundo a partir de categorias e significados sociais próprios, comprometendo, inclusive, a capacidade de forjarem os laços básicos dos seres humanos – os laços familiares. (PROENÇA, 2007, p. 3).

O corpo negro é, no decorrer da história do Brasil, um corpo discriminado e inferiorizado em relação ao corpo do colonizador branco europeu, através de concepções e visões de mundo. O que a teoria traz como elemento de análise é que o escravizado perde suas referências de constituição familiar, comprometendo o seu desenvolvimento social e as suas vontades.

Entretanto, por qualquer que seja a nomenclatura atual, isso não diminui a tragédia de origem dessa história, da memória dos nossos ancestrais negros, trazidos nos porões dos navios, amontoados, humilhados, açoitados, tratados como animais, como se fossem corpos sem alma, corpos sem dor. (MATTOS, 2010, p. 33).

É do corpo das mulheres negras e prostitutas de que estamos tratando. As diferenças fenotípicas, ou seja, da cor da pele como identificador social, impõem barreiras a essas mulheres e

⁶ A ideia de coisificação do escravo foi destacada especialmente pela chamada “escola paulista”, representada por Florestan Fernandes, Emília Viotti, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni.

provocam desigualdades sociais e econômicas muitas vezes intransponíveis. São afrodescendentes na sua origem e muitas vezes em sua essência.

Estratégias simbólicas são utilizadas pela sociedade para que, dentro do discurso hegemônico disseminado, se trate a atividade de venda do corpo como um desvio, uma transgressão, um ato pecaminoso, gerando-se uma culpabilização que se impõe a esse tipo de vida ou de “escolha”.

Havia quem argumentasse que problemas de ordem econômica por si só não explicavam a prostituição. Manuel Bemado Calmon Du Pin e Almeida propunha que “A prostituição não obedece senão a uma forma degenerativa do organismo feminino”. Era este viés interpretativo, concebendo a meretriz como pessoa anormal, que dominava um outro tipo de explicação para a existência da prostituição. A prostituta era vista como degenerada, portadora de debilidade mental, associada a uma ‘configuração orgânica patológica’. Embasavam estas concepções teorias que atestavam a “inferioridade física e mental da mulher, especialmente, a da prostituta”. Certos autores atribuíam a prostituição a uma combinação das duas ordens de fatores mencionadas acima. O médico Dante Augusto da Silva apresentava um longo esquema para dar conta de todas as motivações para o ato de se prostituir: por simpatia, por miséria, por ambição pessoal e familiar, por coação, por endromania, por degenerescência, por sedução, por influência do meio familiar, social, climatério, forçada pela família, por capricho, por acaso, por vingança, por infâmia, prostituta nata. (SANTANA, 1996, p. 5-6).

A medicina desempenha papel essencial na descrição e enquadramento da prostituição como “doença” e, por meio da descrição das possíveis motivações que levam uma mulher a prostituir-se, considera que além das razões econômicas está a anormalidade. Há ainda, é claro, o discurso cristão de um Deus onipresente, onipotente e onisciente que serve como pretexto para a vigilância do corpo. Homens e mulheres devem se guardar, ocultando seus corpos, pois estes não devem servir de lugar para a manifestação do pecado.

Conclusão

Tendo em vista que os desenhos de Carybé sobre as mulheres-damas são tidos como ponto de partida deste trabalho, é possível perceber o papel que a prostituição exerce diante de um modelo estabelecido de sociedade, levando em consideração o período histórico analisado (1951-1962), sendo capaz de desvelar uma cidade de Salvador.

A intenção foi analisar, por meio dos desenhos, as relações entre as imagens e o seu poder de representação no imaginário cultural no cotidiano, buscando compreender esse corpo da mulher-dama como portador de história, sexualidade e de uma singularidade. O contexto cultural potencializado na obra de Carybé nos levou a buscar resposta para essa complexidade que se

apresenta em representar a prostituta dentro de um cenário cultural no qual ela está inserida e escreve a sua história de maneira particular dentro da capital baiana.

Referências Bibliográficas

CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. 4 ed. Rio de Janeiro, Record, 1976.

CASTRO JUNIOR, Luis Vitor. **Campos de visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955 - 1985)**. Brasília: Ministério do Esporte/ 1º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2010.

_____. **A arte-capoeira nas imagens do “Capeta Carybé”**. Projeto História, São Paulo, n. 44, pp. 115-140, jun. 2012.

CHAVES, Marcelo Mendes. **Carybé: uma construção da imagética do candomblé baiano**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, SP, 2012. doi:10.11606/D.932012. tde-0812013. Acesso 2016-09-13.

FUERRER, Bruno (org.). **Carybé**. Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. 14ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012. – (Série ofício de arte e forma).

MATTOS, Ivanilde Guedes (Ivy). **Estética afirmativa: corpo negro e Educação Física**. EDUNEB, Salvador, 2009.

MATOS, Matilde. **A Bahia vista por Carybé (1911-1997)**. Afro - Ásia, 29/30 (2003), p. 389-413. Acesso em 06.05.2014. <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n29_30_p389.pdf>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **A Pesquisa Social: método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PROENÇA, Wander de Lara. **Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos**. Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior", 12 de Setembro de 2007, (p.1-10).

<<http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/wander.PDF>>

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Coleção Primeira Passos, São Paulo S.P, Editora Brasiliense, 1983.

SANTANA, Nélia de. **A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)**. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de filosofia e ciências humanas. Mestrado em história. Salvador, BA, 1996.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. 2ª ed. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 1999.